

# CASA ERBO STENZEL, MUSEU DA CASA DE TODOS<sup>1</sup>

*Pedro Moreira da Silva Neto*<sup>2</sup>

## RESUMO

A Casa Museu Erbo Stenzel favorece a passagem dos visitantes por esse museu ao proporcionar o encontro com a história de vida do artista, o ambiente da casa em que viveu e as obras que produziu. Media a descoberta de sua obra sob uma forma de ação educativa que se complementa pela abordagem pessoal com esse ambiente.

**Palavras-chave:** Ambiente; Obra; Vida do Artista.

## ABSTRACT

The museum Casa Museu Erbo Stenzel facilitates the visiting as it provides a meeting with the artist's life history, the environment of the house where he lived and his work. It mediates the discovery of the artist's work in an educational way, which is complemented by the visitor's personal approach to this environment.<sup>3</sup>

**Key words:** Artist's life; Environment; Work.

## 1 INTRODUÇÃO

O surgimento deste museu se deu pela importância do artista Erbo Stenzel, responsável principal pelo Monumento da Emancipação Política do Estado do Paraná, Praça XIX de Dezembro, professor de anatomia artística da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, desenhista, gravador, gravurista com grande virtuosismo na modelagem escultórica. A casa onde viveu foi transportada e restaurada no Parque São Lourenço ao lado do Atelier de Esculturas da Cidade de Curitiba, nomeada Museu Casa Erbo Stenzel, onde estão protegidos os principais documentos sobre a Praça XIX de Dezembro, e se oferece ao público leitoras, vitrinas sobre a arte, a vida e obra do artista.

A reserva técnica está toda exposta, e os demais documentos e obras estão dispersos em vários outros museus, e em reservas cuidadas. O arranjo museológico foi realizado por uma curadoria que se preocupou com o processo de realização da obra artística, e promoveu um circuito que realizaria essa leitura oferecendo aos visitantes do museu a oportunidade de se interagir com os bens musealizados. A razão dessa possibilidade integrativa entre os bens patrimoniais se realiza pelas cópias que povoam as salas. Aqueles bens que são pertencentes à sua atividade e outros da família, se apresentam ao público como uma instalação entre as atividades artísticas e as do cotidiano do lar, o que faz da casa um memorial de proteção das referências, dos processos, indicando, por assim dizer os caminhos que apoiariam a pesquisa em artes plásticas, arquitetura, e a carpintaria da imigração alemã no estado do início do século passado.

---

<sup>1</sup> Artigo decorrente da Monografia da Especialização em Museologia – Museu Casa Erbo Stenzel

<sup>2</sup> Correio-eletrônico: [casasdopedro@gmail.com](mailto:casasdopedro@gmail.com).

<sup>3</sup> Tradução de Leonilda Procailo.

O espaço destinado a Exposições Temporárias recebe materiais histórico e culturais que tratariam em especial das obras em logradouros públicos. Enquanto a reserva técnica se oferece expositiva, o que contrasta com exposições temporárias em suportes plotados cópias reprografadas de originais que tratam dos ambientes públicos que receberam o trabalho artístico.

Os espaços de dentro e de fora coadunam com o pensamento de que o museu está inserido no contexto da Cidade de Curitiba. Pesquisadores em artes plásticas teriam uma mostra concisa da vida e obra do artista que seria indicador para o aprofundamento.

## **2 ATENDIMENTO**

O atendimento dirige-se portanto à especialidade em escultura, pesquisa em artes plásticas, ao público agendado que realiza pela ação educativa do Centro de Criatividade Curitiba no Parque São Lourenço pela qual o museu é responsável no momento, além dos visitantes de passagem.

Na Casa Erbo Stenzel se dá o acompanhamento mediado, tratando da técnica utilizada pelo artista Erbo Stenzel através das cópias expostas, considerando-se o tempo histórico, os principais acontecimentos limites e os aportes críticos relacionados, além da ambientação no espaço da casa e demais jogos interativos compreendendo a educação patrimonial, a importância do museu.

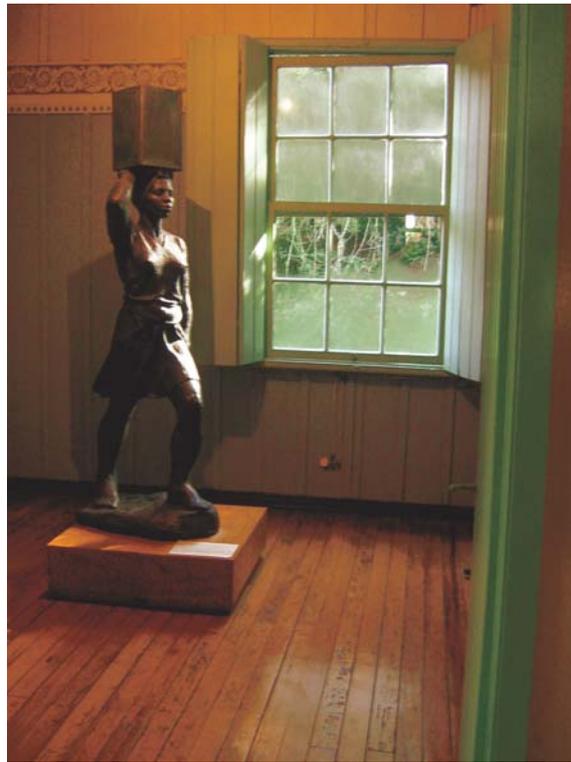
O perfil dos visitantes do museu está inserido ao atrativo do Parque São Lourenço que possui equipamentos variados para as atividades físicas, parques infantis, e o Centro de Criatividade que oferece cursos e atividades a crianças, jovens e adultos na iniciação de várias atividades artísticas-culturais, bem como o Atelier de Escultura da Cidade de Curitiba (ao lado do museu), com cursos adiantados da expressão escultórica como vidro, argila, e bronze pelo processo da cera perdida são algumas das atividades do atelier, inserindo assim grupo de artistas especializados e estudantes. O público que recorre ao parque e às atividades de aprendizado da arte e cultura frequentam o museu obrigando à flexibilidade no atendimento.

Grande parte das obras de Erbo Stenzel e demais documentos se fazem dispersos em vários museus, arquivos e bibliotecas, e para se dar a melhor forma de apoiar a especialistas, o museu atua como fonte para referências em artes plásticas que seriam indicadoras para a pesquisa, oferecendo meios para os contatos com documentais e demais ações acadêmicas.

Nos dias de sábado e domingos o público é tomado pela diversidade dos que procuram um momento de lazer descompromissado, e a abordagem se faz diferente da habitual. O que nos leva a pensar sobre o museu, dado as suas características de Museu Casa e o perfil dos frequentadores são as condições da abordagem.

## **3 CASA**

O museu se instala no parque e nas proximidades do atelier de escultura, a obra do artista musealizada trata em maior parte de obra escultórica, o arranjo museológico se estabelece através de cópias curadas e demais materiais e utensílios de uso doméstico quanto das ferramentas da arte, as exposições temporárias tematizam a importância da arte nos espaços públicos da cidade, a casa restaurada traz o olhar do passado de uma arquitetura em madeira do início do século, e assim, os processos da carpintaria.



(ÁGUA PRO MORRO, CÓPIA EM RESINA). Foto: Pedro Moreira da Silva Neto.

A casa, portanto localizaria o visitante no lugar da construção inicial do conhecimento.

*“... trata-se da preservação de uma casa de madeira – assunto que, academicamente, me tem preocupado bastante.. Sendo apenas o segundo espécime destinado à preservação por enquanto – amostragem insuficientíssima de um dos mais importantes traços culturais do Estado – seria importante usar a oportunidade para chamar atenção sobre ela, ensejando a preservação de um maior número de unidades. Tendo em vista que, em 1978, quando se comemorou o centenário da Imigração Italiana para Santa Felicidade, os moradores, por iniciativa própria, recolheram no Salão Paroquial do bairro uma belíssima coleção de objetos e instrumentos de trabalho usados pela geração migrada. Essa oportunidade demonstrou em primeiro lugar a facilidade na localização do material; e em segundo, que é fácil motivar os descendentes dos imigrantes à sua valorização. Portanto, a sugestão é usar a casa de madeira da família Stenzel como um espaço não apenas em homenagem ao escultor Erbo Stenzel: o resultado seria mais um espaço subutilizado, em vista da pequena produção do artista, cedo afastado do trabalho pela doença. Muito mais sensato seria uma homenagem a toda etnia alemã, um mostruário dos instrumentos de trabalho dos ofícios por eles exercido (...) Na verdade, não é importante que cada espaço tenha esta ou aquela temática, mas que se use a oportunidade para, além de preservar uma casa de madeira, pesquisar e recolher um material que certamente existe e se encontra disperso, inacessível às pessoas.”. (IMAGUIRE, 1994)*

Como espaço da habitação familiar, onde se insere o visitante e sua história de vida, a cultura do lar se aproxima da cozinha onde está o fogão à lenha ao centro numa posição de oferecimento ao aconchego. Neste espaço operamos em ouvir as reminiscências pessoais, os desejos e sonhos de toda a gente, os procedimentos para a elaboração do alimento, encontros e desencontros que nestas condições da atividade de atendimento vamos promovendo o encontro com a expressão criativa do artista, de sua convivência em família e a obra de arte. Num método indutivo, cuja gestalt ou figura fundo nasce de suas próprias reminiscências, de onde levamos o visitante a pensar a obra de arte e sua expressão plástica.



(MUCES- MUSEU CASA ERBO STENZEL). Foto: Pedro Moreira da Silva Neto.

A atenção às necessidades do *cliente* se dá em compreender suas histórias pessoais, localizando-os na família, a seguir ao entorno do fogão à lenha onde retratamos a importância do *lare* e do fogo, e deste da centelha do conhecimento estético, os valores humanos, a família do artista, sua história de vida, a concussão que nos leva a idealização do aprendizado, o patrimônio cultural, essência do museu.

---

**A atenção às necessidades do *cliente* se dá em compreender suas histórias pessoais, localizando-os na família, a seguir ao entorno do fogão à lenha onde retratamos a importância do *lare* e do fogo, e deste da centelha do conhecimento estético.**

---

Se nos reportamos ao fogo como índice primordial dos que se sentem integrados no ambiente para tratarmos da arte é porque no referimos a Heféstos ou Vulcano como elaborador desde as entranhas da terra até o momento da criação escultórica, no caso, em bronze. A seqüência de idéias a respeito da vida dos visitantes em contraposição ao do artista faz o paralelo dialógico em que os levamos a reconhecer o artista, a obra de arte e a finalidade do museu como espaço do seu conhecimento.



(FOGÃO À LENHA AO CENTRO DO MUSEU CASA ERBO STENZEL). Foto: Pedro Moreira da Silva Neto.

A casa seria o lugar onde se faz o outro, um alguém que se encaminha para fora. Nesse sentido partir é permanecer. O museu nos daria essa possibilidade de que nos sentiríamos relacionados ao peso desses acontecimentos apresentados, de passados que estão no presente. Retomar o passado em busca de nossas pegadas. A pessoa é menos só no mundo quando olharia para trás e encontraria as marcas de sua jornada. Apesar de que não seriam nunca as suas. Por isso ouvimos boa parte dos visitantes e contamos a outros o que ouvimos. O sentido se ampliaria na medida do caminhar quando se esforça em retomar certo ponto de intersecção onde escavaria em busca de um fundo, momento onde conseguiria talvez sentir-se validado, pertencente e relacionado com esta realidade somente sua e ali identificada.

#### 4 DISCUSSÃO

Se a caixa de nossa guarda é o corpo, a caixa da memória pública é o museu. Portanto, no museu não a ponto final na pesquisa que se quer aprofundar.

O atendimento torna-se uma busca, um laço num fio frágil que muitas vezes não perdura pela dúvida estampada, na desistência abrupta da permanência. Alguém no museu, em sua passagem nos tomaria como uma dúvida, ou a incerteza de que veio. *“Ignorando a conduta conveniente e, antes de tudo, preocupados em não se denunciarem por comportamentos contrários ao que julgam ser a conveniência, eles contentam-se em ler, tão discretamente quanto possível, as tabuletas – quando estas existem.”* (BOURDIEU, p.86, 2003)

A impossibilidade de se retornar ao passageiro, de se recompor àquele que esteve presente proíbe certo aprofundamento, as pegadas – digamos assim -, foram removidas pelo eventual. Notaríamos que não se trataria de diferenças das classes, e que as mais impossibilitadas se sentiriam constrangidas, não é fato. Estanque a isso, percebemos que grupos sociais de melhores ganhos sentem-se fragilizados em permanecer no ambiente do MUCES – Museu Casa Erbo Stenzel que nos remete mais a uma estrutura orgânica do que sintética. Houvesse neles um comparativo de não retomar um passado, cujas ações domésticas de trabalho são extremas. É uma passagem em que a saída ser faria como uma libertação não fosse o assombro sintético da obra de arte que os sustém por algum tempo a mais.



(PARTE DO ARRANJO MUSEOLÓGICO EM CÓPIAS). Foto: Pedro Moreira da Silva Neto.

E se há dificuldades para se fazer o museu exercitado, em sua dinâmica de cuidar o bem de todos, há mais ainda em se promover essa aproximação com novos signos em sínteses da obra de arte em direto à diversidade cultural, isto é aquilo que as pessoas em sua passagem nos trás.

*“A defasagem entre o código social e o código exigido pelas obras apresenta, evidentemente, todas as condições de ser mais reduzida nos períodos clássicos do que nos períodos de ruptura, continuada, tal como aquele que nos encontramos hoje.”*. (BORDIEU, p.77, 2003)

A seu modo o mundo cria a tonalidade e oferece a vontade de se conhecer, isso ocorre melhor quando a pessoa se sente como que parte desse acervo de conhecimento, está portanto, inserida no contexto desse saber, e é a ela o que se reporta a sua passagem no museu.

Se o tempo passa e tudo leva, ele vive na estrutura que é o espaço por onde se demora. *“Em conformidade com o princípio de equivalência entre a informação oferecida e o grau de competência do receptor, as diferenças que separam o nível de oferta dos diferentes museus, avaliado pelo nível modal dos visitantes, correspondem às diferenças na qualidade e no tipo das obras expostas...”*. (BOURDIEU, p. 129, 2003)

Diferente do que diz Bourdieu sobre a consagração ou eleição pessoal de quem se ocupa da arte em sentido profissional, penso que, se a palavra nada mais é do que um amontoado de caracteres cada qual com seu passado próprio, o desenho que se faz não é de fato a representação, assim diria que é além do óbvio que se busca o sujeito, que ele mesmo não é casca, epiderme funcional de uma carga repleta de órgãos.

## 5 CONCLUSÃO

**A**s questões específicas, que não sejam somente históricas da obra de arte obrigam a pessoa se colocar frente a algo que se busca decifrar, compreender. Ela nos põe no limiar, entre o templo e a rua, isto é, na *ágora*, numa funcionalidade discutível em que a razão artística ultrapassa o desconhecido de um sentido, e coloca o sujeito a questionar o ato em que se encontra, o lugar onde se estabelece como indivíduo: *no agora*.

O que nos une é o gesto humano. A gente se encontra em cada um, somos como que fragmentados; e em tudo o que pudéssemos alcançar recupera em nós as nossas partes faltantes. Como que este algo que nos escaparia diariamente e nos faria interpretar este espaço do agora, que de súbito nos põe frente a frente e faz sentido pensar que se está incluído no mesmo rio da existência e que carregamos senão tudo, aquelas marcas que nos equilibra a crer que apesar das diferenças somos muito espelhados.

Numa casa museu, essa tensão aumenta em qualidade porque o substrato dessa experiência familiar já é conhecida de todos nós, onde o foco diretivo já nos leva à introspecção, a compreender que se está

mais vivo e presente na casa que é também patrimônio musealizado. E assim, por que se viveu ali alguém, e se sabe que há uma percepção a mais, e então caminha entre atento e alheado, e parece desdobrado, e se confessa errante, mas que por fim parece que toma para si a experiência de uma vida.

Neste sentido a pesquisadora em artes plásticas Didonet Thomaz, passou catorze anos organizando boa parte dos materiais dispersos e na primeira curadoria de Cassiana Lícia de Lacerda foi quem pode oferecer a possibilidade de se realizar o museu, que como conta sua Historieta de Truz, bastaria o movimento da cauda de um gato para derrubar todo o processo que validaram o arranjo museológico existente neste Museu Casa Erbo Stenzel. Algo nos faz sustar, que a atividade acadêmica dedicada à pesquisa pode oferecer à comunidade.



(FACHADA DA CASA ERBO STENZEL). Foto: Pedro Moreira da Silva Neto.

E buscar entender que se atende, se abre espaço para a recepção e se deseja comungar um desejo de conhecimento.

*“Toda pessoa é uma ilha, no sentido muito concreto do termo; a pessoa só pode construir uma ponte para comunicar com as outras ilhas se primeiramente se dispõe a ser ela mesma e se lhe é permitido ser ela mesma. Descobri que é quando posso aceitar uma outra pessoa, o que significa especificamente aceitar os sentimentos, as atitudes e as crenças que ela tem como elementos reais e vitais que a constituem, que posso ajudá-la a tornar-se pessoa: e julgo que há nisso um grande valor.” (ROGERS, p. 24-25, 2001)*

O que o Museu Casa Erbo Stenzel *musealizou* seria, em nosso entender, a ação de uma vida que é tão encontrada naqueles que passam pelo museu, e o processo da criação da obra artística. O motivo porque se pensa como espaço aberto do conhecimento provém de se pensar que o sujeito é o restante da humanidade. Estaria o todo relevante naquilo que abriga, espaço extremo e definido que acolhe a diversidade, a complexa e múltipla experiência individual na grande casa de todos. A obra do museu é o conhecimento memorial da pessoa.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A dialética da duração**, São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**, São Paulo: Ática, 2000.
- BOURDIEU, P. *et al.* O amor pela arte – os museus de arte na europa e seu público, Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.
- \_\_\_\_\_. *et al.* A miséria do mundo. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CAMARGO, G. L. V. Esculturas públicas em curitiba e a estética autoritária. **Revista de Sociologia e Política**. Nº 25: 63-82, nov. Paraná, 2005.
- CARVALHO NETO, D. P. *et al.* **Monografia**, Erbo Stenzel, 1980.
- DAMO, E. B. Fundação artística - fundição pelo processo de cera perdida. *Arte & Texto*, PR, 2006.
- IMAGUIRE, M. R. G. **Levantamento da casa da família Stenzel**. Plantas realizadas em escala de 1: 25 – Maio, Paraná: 1994.
- LACERDA, C. L. **Registro**, Casa Erbo Stenzel, Monumentos e Obras de Arte em Logradouros Públicos I. Praça Tiradentes, Paraná, 1998.
- MORIN, E. *et al.* **Ética, solidariedade e complexidade**. São Paulo: Pala Athena, 1998.
- ROGERS, C. R. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- THOMAZ, D. Teatro Monótono, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Livros I a X das leitoras da Casa Erbo Stenzel**, Paraná, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Historieta de truz, Casa Erbo Stenzel**, Paraná, 1998.